
MEMÓRIA DO ARIBÉ: ASPECTOS DE SOCIABILIDADES ENTRE AS MULHERES EM ARACAJU NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950

Fábio dos Anjos Cardoso^a

RESUMO

Esta comunicação propõe apresentar aspectos da trajetória de Maria José da Conceição, uma das entrevistadas do projeto “História de Sergipe para a terceira idade”, coordenado pelo professor Dr. Antonio Lindvaldo Sousa. A Sra. Maria José nasceu em Divina Pastora no ano de 1929, migrou para Aracaju na década de 40. As lembranças da entrevistada sobre a capital sergipana, principalmente sobre o Aribé, bairro onde morou, nos remetem a compreender traços da identidade das mulheres pobres migrantes. A partir dela percebemos as outras mulheres e suas manifestações culturais (religiosidades) em Aracaju nas décadas de 1940 e 1950.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de tudo, faz-se necessário falar do projeto “Historia de Sergipe para a Terceira Idade”. Este projeto procura se inserir na integração do idoso com sua história e na identificação do mundo em que ele vive. Este propósito surge como parte das atividades ligadas ao grupo de pesquisas “Culturas, Identidades e Religiosidades”, pertencente ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, coordenado pelo professor Antônio Lindvaldo Sousa.

Foi a partir de uma entrevista cedida pela Sra. Alda Cruz Santos ao projeto “História de Sergipe para a Terceira Idade” que surgiu a ideia desse trabalho. Aliás, este trabalho tem como referência para o estudo em questão tal entrevista, que oferece um bom suporte para a realização do mesmo. Relatar aspectos da trajetória de vida de Dona Alda para compreender, a partir dela, as outras mulheres é uma tarefa instigante para quem lida com a história oral.

^a Acadêmico do curso de História (5º período) da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é ligado ao grupo de pesquisas “Culturas, Identidades e Religiosidades”.

Partindo de uma abordagem micro-histórica, pretende-se aqui resgatar valores através dos aspectos de sociabilidades vivenciados e guardados na memória de Dona Alda. Nesse sentido, tal trabalho tem-se centralizado na busca por uma descrição mais realista do comportamento humano, empregando um modelo de ação que possa dar voz a personagens que, de outra maneira, ficariam no esquecimento. Frequentemente se supõe, por exemplo, que as comunidades locais possam ser estudadas como objetos de sistemas de pequena escala, mas que as escalas maiores deveriam ser estudadas para revelar as conexões entre as comunidades dentro de uma região, entre as regiões dentro de um país, e assim por diante.¹ A partir daí, torna-se interessante analisar, através da memória de Dona Alda, os aspectos de sociabilidades entre as mulheres em Aracaju nas décadas de 1940 e 1950 e assim, a partir de uma análise localizada, compreender um universo muito mais amplo, um universo mais geral.

Muitos podiam nessa altura ser um pouco mais generosos e admitir a história oral – a história escrita com a evidência acumulada de uma pessoa viva, de preferência aquela de um documento escrito – como uma ilustração agradável e útil.² Assim, a ilustração dada por Dona Alda com relação às sociabilidades e aos aspectos de religiosidades entre as mulheres torna-se objeto de referência e de bastante relevância nesse contexto de 1940 e 1950.

Filha de pais pobres, seu pai era lavrador e sua mãe operária da fábrica Confiança, Dona Alda nasce em Aracaju no ano de 1929. Passa boa parte de sua vida morando no Aribé, onde hoje é o atual bairro Siqueira Campos, na cidade de Aracaju. É na passagem da adolescência para a fase adulta que Dona Alda vive o auge das festividades entre as mulheres em Aracaju e, principalmente, no Aribé, bairro onde morou por muitos anos e onde vivenciou a maior parte das sociabilidades.

Dona Alda traz na memória lembranças de sua infância, lembranças de quando acompanhava sua mãe até à Igreja de Santo Antônio: “ *Quatro horas da manhã tinha uma missa no Santo Antônio, ela ia de três em três meses* ”.³ Assim, desde cedo as influências da religiosidade católica foram deixando traços na sua identidade e na sua formação cultural. A

mesma coisa acontecia com grande parte das mulheres de sua época. “ *No Santo Antônio todo mundo ia: pessoas do Siqueira, do 18 do Forte, Matadouro...*”, afirma.⁴

A religiosidade marcava o cotidiano das pessoas. Os aspectos de sociabilidades entre as mulheres pobres de Aracaju, e principalmente do Aribé, local mais citado por Dona Alda, seguiam firmemente na trajetória de vida dessas pessoas. As folias populares, as novenas populares de Santo Antônio, por exemplo, eram marcantes no ambiente humilde dos devotos. Quando indagada sobre as novenas populares de Santo Antônio, Dona Alda revela: “ *A novena existia lá em minha casa por um motivo: a minha mãe era afilhada de uma pessoa lá em Estância, e essa pessoa resolveu ser crente. Era uma cunhada muito íntima a ela. Aí meu pai mandou chamar minha tia. Ela disse: “ a vida inteira fui católica, agora decidi mudar. Então, quero lhe dar esse Santo Antônio. Agora, se não quiser deixe na Igreja”. Então por força disso ela, todo dia 13 de junho, festejava* ”.⁵

A religiosidade era notória. A fé dessas pessoas fortalecia os laços de sociabilidades entre elas, como foi percebido através das entrevistas. Várias pessoas frequentavam as festividades religiosas. A imagem de Santo Antônio que ficava na sala da humilde casa de Dona Alda atraía diversas pessoas, em sua maioria mulheres, que iam prestar sua devoção ao santo. “*la muita gente. Chamavam assim: Santo Antônio tá na casa da mulata!*”.⁶

Apesar da casa ser humilde, possuía uma sala grande onde uma parte das pessoas ficava e a outra ficava de fora. O local é onde hoje se cruzam as ruas Pernambuco e Alagoas, no bairro Siqueira Campos. No mês de março começavam os preparativos para festejar Santo Antônio. O licor era a bebida preferida que se consumia nas comemorações. “*No mês de março começava a fazer um licor de jenipapo para festejar Santo Antônio*”, dizia Dona Alda.⁷

Através da doação do santo que os pais de Dona Alda receberam, deu-se início à festividade que logo aumentou sua fama. A mãe dela era quem liderava a festa, que só acabou depois que os pais de Dona Alda faleceram. A festa era iniciada por Dona Arlinda, uma parteira muito famosa na época e que também prestava devoção a Santo Antônio.

A questão da religiosidade, das novenas populares, das festividades religiosas não se limitava aos cultos promovidos pelos pais de Dona Alda. Ela menciona a participação de várias pessoas, a exemplo de João Cabecinha, que misturava Santo Antônio com outras religiosidades. Praticante do candomblé, ele fazia uma festa sincrética e democrática agradando tanto aos admiradores do culto afro-brasileiro quanto aos católicos menos fervorosos. A presença feminina era marcante em suas comemorações.

“Tinham uns quatro ou cinco no bairro que tinham a imagem de Santo Antônio. João Cabecinha, que mexia com negócio de candomblé, Dona Arlinda e outros”, relata Dona Alda.⁸

As sociabilidades entre as mulheres em Aracaju nas décadas de 1940 e 1950 as uniam por diversos traços. Um dos traços marcante era a religiosidade, que ganhava sua máxima expressão nas novenas populares. A questão religiosa constituía um dos aspectos que marcaria a identidade dessas mulheres.

Por se tratar de pessoas pobres, suas comemorações não ostentavam o luxo que é acostumado a ser visto nas Igrejas. Pessoas simples que eram, encontravam várias dificuldades para realizar suas folias. Diversas formas, diversos artifícios eram empregados para que as festividades religiosas fossem realizadas. Um deles era o leilão que as pessoas faziam antes das novenas. A memória de Dona Alda esclarece essa passagem dos preparativos: *“Tinha o leilão que era para todos nós arrecadar o dinheiro. O que fosse arrecadado seria para comprar vela”*.⁹

Devido a situação financeira, o leilão, para que fosse realizado, também dependia de doações por parte dos moradores do local. As pessoas se mobilizavam e contribuía de diversas maneiras, de acordo com suas condições. Dona Alda ainda lembra bem e relata essa passagem vivida por ela: *“Levavam aquelas bandeirolas de castanhas; tinham pessoas que levavam sabonetes, outras que levavam perfume... Além disso, tinham os barquinhos cheios de bandeirolas. O dinheiro arrecadado era para comprar velas, as flores, o enfeite, as bandeirolas, etc”*.¹⁰

A abertura das festividades na casa de Dona Alda era feita por Dona Arlinda. Ela era muito importante no local e todos aguardavam por ela. Apesar de não ser muito comunicativa, como nos diz Dona Alda em sua entrevista, ela rezava o pai nosso e dava início a ladainha. *“Ela não era muito comunicativa. Então ela dizia: ‘vou começar!’ e já começava. E o pessoal dizia: “Amém ”. Depois disso rezava, cantava, tinham as promessas...”*, relembra Dona Alda em sua entrevista concedida ao professor Antônio Lindvaldo.¹¹

Apesar das dificuldades, as cerimônias em homenagens a Santo Antônio entre essas pessoas tinham vários motivos para acontecer. A fé era um dos principais motivos, isso era evidente.

As sociabilidades eram umas das mais importantes manifestações culturais, baseadas numa forte religiosidade. Eram através delas que se podia perceber com mais clareza a cultura dessas mulheres, suas tradições, suas crenças, seus anseios, suas superstições, em fim, sua formação como sujeitos de uma comunidade marcada por uma profunda identidade religiosa. A fogueira, como se percebe ainda nos dias de hoje, era um elemento simbólico marcante durante as cerimônias em homenagem a Santo Antônio. *“Era meu pai que fazia a fogueira. No dia da religiosidade todos rezavam juntos. A fogueira ficava queimando enquanto todos chegavam e traziam suas petições, suas promessas a fim de conseguir um casamento e todas essas coisas”*, nos diz Dona Alda a partir da entrevista que nos concedeu.¹²

As celebrações em homenagem a Santo Antônio eram marcantes nesse período que compreende as décadas de 1940 e 1950. Como já vimos, essas comemorações tinham importantes razões para acontecer entre essas pessoas, em sua maioria mulheres, em Aracaju e, principalmente, no Aribé, lugar mais mencionado pela Senhora Alda. Não obstante, na casa de Dona Alda a religiosidade se limitava somente a Santo Antônio, não realizando festejos em homenagem a outros santos, como sempre faziam as outras pessoas do local. Quando indagada sobre as festividades em celebração a São João e a São Pedro, ela responde: *“No São João não tinha nada. No São Pedro também não tinha nenhuma*

*comemoração. O meu pai era viúvo e São Pedro era padroeiro dos viúvos. Por causa disso minha mãe não queria ”.*¹³

Fora da casa de Dona Alda as festividades religiosas não tinham tantas limitações. Os terreiros de candomblé que existiam na época naquela região, também representavam um ambiente marcado pelas sociabilidades e pelas festividades religiosas que acabavam mesclando as crenças. Esses terreiros uniam pessoas de diversas crenças e, em alguns casos, as pessoas evitavam tais celebrações por serem realizadas em terreiro de culto afro-brasileiro. *“Minha dizia que era para nós tomarmos cuidado. Dizia que era para não passar por lá, que era para irmos pela outra rua e passar por longe daquele lugar”,* confessa Dona Alda.¹⁴

Preconceitos a parte, durante as sociabilidades as pessoas se uniam por afinidade. Isso por causa de suas tradições, seus valores, sua cultura marcada pela religiosidade. Através delas percebemos traços marcantes na identidade das pessoas que as frequentam. As festividades na casa de Dona Alda acabam depois da morte de seus pais, o que significou uma perda para várias que frequentavam o local. Ainda assim, várias pessoas continuaram a preservar e a reproduzir as folias populares.

Ao longo dos anos vem percebendo-se uma perda, um enfraquecimento dessas tradições populares. A romanização empreendida pela Igreja Católica tem sido um dos fatores que acabaram contribuindo com esse fato. No entanto, tais manifestações religiosas ainda continuam vivas em nossa sociedade, e ainda hoje em Aracaju pode-se perceber isso claramente. Raízes delas ainda se mantêm nas identidades das pessoas que as conservam e as reproduzem ao longo de suas vidas. Tivemos o exemplo dos pais de Dona Alda, hoje falecidos. O exemplo vivo seria a própria Dona Alda, a que nos deu o prazer de relatar sua trajetória de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reduzindo a escala de observação, foram apresentados aqui aspectos da trajetória de vida de Alda Cruz Santos, uma das entrevistadas do projeto “História de Sergipe para a Terceira Idade”. A partir de sua memória acerca dos acontecimentos vividos, podemos compreender as outras mulheres e observar suas manifestações culturais (Religiosidades) e traços em comum nas identidades dessas mulheres pobres de Aracaju no contexto que nos remete às décadas de 1940 e 1950.

Reduzir a escala de observação foi o método utilizado para colher mais detalhes e a partir daí entendermos escalas mais gerais do estudo em questão. É nesse sentido que trabalham os que lidam com a história oral e a micro-história, dando voz a personagens que, de outra maneira, ficariam sempre no esquecimento. Não se trata aqui de negar a história feita pelos grandes homens, mas sim de inserir pessoas simples como Dona Alda e seus conterrâneos na condição de agentes, na condição de participantes da história, na condição de pessoas que também fazem história e que também são dignas dela.

NOTAS

1. P. Burke (Org.), **A escrita da História (Novas Perspectivas)**, São Paulo, Ed. Unesp, 1992, p. 137.
2. *Ibidem*, p. 163.
3. N.A. Trecho retirado da entrevista dada por Dona Alda ao projeto “História de Sergipe para a Terceira Idade”. Ainda não houve uma publicação dos relatos, sendo os mesmos fontes de estudos do grupo de pesquisa “Culturas, Identidades e Religiosidades”.
4. *Idem*.
5. *Idem*.
6. *Idem*.
7. *Idem*.
8. *Idem*.
9. *Idem*.
10. *Idem*.
11. *Idem*.
12. *Idem*.
13. *Idem*.
14. *Idem*.

REFERÊNCIAS



LEVI, G. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, P. (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP 1992.

PRINS, G. História Oral. *In*: BURKE, P. (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP 1992.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

1. FILHO, M. L. Nova história cultural e micro-história: uma breve reflexão de suas origens, 2005. Disponível em: <http://www.revelacaoonline.uniube.br/2005/314/artigo.html>